

Stadium

N.º 305

6 de Outubro de 1948

Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTO DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Foto NUNES DE ALMEIDA

SPORTING-ESTORIL — Sebastião demonstra-nos a sua boa classe nesta fase de grande movimento. Peyroteo suporta a carga, por certo surpreendido pela maneira apurada como o estorilista devolve esta bola alta.



A vitória do SPORTING DE BRAGA

sobre o F. C. do Porto pode não ter aparecido por acidente...

Crónica de TAVARES DA SILVA

ALGUMA coisa se dá de facto com o Sporting de Braga. O conjunto bracarense fez a primeira saída, a Setúbal, e ganhou. Ganhou, depois, ao estreante Covilhã, no seu campo. E ao terceiro jogo, saindo novamente — derrotou o F. C. do Porto!

Por via desta vitória, a mais sensacional da jornada e, até agora, do campeonato, mantém-se o grupo bracarense à frente, com o Sporting e o Benfica. Bonito! Domingo, os bracarenses jogam no seu terreno com o Vitória de Guimarães. E aqui está um jogo que merece ser visto...

Nos outros campos, nada de novo. Embora alguns grupos ganhassem com dificuldade, casos Benfica e Belenenses, os dois pontos não fugiram aos favoritos.

Resultados:

Sporting.... 5 — Estoril..... 3
Atlético.... 3 — Elvas..... 1
Belenenses... 2 — Vitória (S)... 1
Benfica..... 2 — Lusitano... 1
F. C. Porto... 0 — S. Braga... 1
Vitória (G)... 3 — Boavista.... 1
Sp. Covilhã.. 1 — Olanhense... 1

Ao primeiro golpe de apreciação, vê-se que os resultados são todos escassos. O Sporting marcou 5 bolas, é certo; mas recebeu 3 tentos... Ganhar fora de casa, 3 grupos. E o empate obtido pelo Olanhense na Covilhã também não deve escapar à observação da crítica.

PRINCIPIAREMOS pelo jogo do Porto. Ainda não vimos jogar os campeões portugueses.

Embora o não julgemos com equipa famosa, como já se tem dito e escrito, esperamos que o «team» valha mais do que 0-1 na frente dos bracarenses, tomando em conta o facto do jogo se haver disputado no Campo da Constituição. De resto, isto pode acontecer aos melhores agrupamentos, principalmente aqueles que desceram ao terreno «convencidos» da sua grandeza.

O F. C. do Porto sofreu um tento, na melhor altura para o Sporting de Braga, e julgou certamente que teria tempo de desfazer a vantagem. Mas não teve. Os bracarenses contaram com uma defesa decidida, áspere, e o ataque portuense não conseguiu um remate vitorioso!

Tudo o mais está previsto pelo livro das surpresas que ainda agora começou a abrir-se. A primeira página pertenceu ao Sporting de Braga, que provou possuir equipa valorosa, muito capaz de uma carreira brilhante. E o caso é que tem 3 jogos e 3 vitórias — sendo duas fora de casa...

Eis como alinharam as equipas:
Porto — Barrigana; Virgílio e Alfredo; Joaquim, Romão e Carvalho;

Lino, Araújo, Sanfins, Ângelo e Vieira.

Braga — Cesário; Faria e Sobral; Joaquim, Daniel e Marques; Diamantino, Elói, Alvaro Pereira, Adolfo e Frederico.

NO Minho, em Guimarães, também os campeões venceram o Boavista, do Porto. Deste modo, um em casa e outro fora, nenhum dos representantes da capital do Norte passou — ficando ambos «às mãos» de clubes da A. F. Braga.

Mas o resultado do jogo Vitória de Guimarães-Boavista não surpreende tanto. O clube do Bessa, segundo parece, está menos forte neste princípio de campeonato, e por certo se deslocou sem aspirações.

No entanto, os vimaranenses não ganharam com facilidade. Sofreram primeiro um golo, e tiveram de trabalhar afinadamente para bater a defesa portuense. Uma grande penalidade a seu favor, mesmo, foi muito «discutível» para os vencedores.

Os donos da casa acabaram por impor-se e justificar o resultado — que não é desairoso para os visitantes.

As equipas:
Guimarães — Machado; Curado e Costa; Ferreira, Jorge e Luciano; Rebelo, Miguel, Teixeira da Silva, Custódio e Franklim.

Boavista — Carlos; Raimundo e António Caiado; José Caiado, Chaves e Garcia; Ramos, Luzia, Pereira, Fernando Caiado e Vieira.

UM salto para Lisboa, onde o Sporting fez 5-0 em 45 minutos, contra o Estoril, que todos temos considerado equipa de muito valor. Pelo menos em épocas anteriores, os estorilistas deram sempre boa conta de si, embora contássemos então com uma «figura» que

lhes faz actualmente muita falta: o interior Bravo.

Na segunda parte do desafio, já o Sporting suportou a boa réplica do Estoril. Mas o Sporting tem uma razão para justificar os três golos consentidos na segunda parte: a lesão séria de Lourenço, quando lutou com o forte avançado centro do Estoril.

Mesmo que não tenha existido «violência», parece haver motivo para calafrios. Os grupos estão a jogar menos e com muita dureza, beneficiando bastante do olhar suave dos árbitros. Em todos os campos...

As duas equipas:
Sporting — Azevedo; Moreira e Manuel Marques; Lourenço, Canário e Juvenal; J. Correia, Vasques, Peyroteo, Travassos e Albano.

Estoril — Sebastião; Oliveira e Elói; Cassiano, Nunes e Alberto; Lourenço, Correia dos Santos, Mota, Ferreira e Raul Silva.

BOA primeira parte fez o Atlético na Tapadinha, enfrentando o Elvas. Toda a crítica tece elogios aos alcantarenses, que apagarão com os seus problemas resolvidos. Um dos seus jogadores, Rogério Simões, teve o pé certo durante o desafio, marcando os três golos da sua equipa.

Começa a contar-se com o Atlético? Julgamos que sim. Os elvenses só no segundo tempo valorizaram a sua acção, o que veio a coincidir com a baixa dos alcantarenses.

As equipas:
Atlético — Correia; Rosário e Abreu; Armando Carneiro, Pereira e Nunes; Martinho, Ben David, Vital Salgado, Rogério Simões e Silva Pereira.

O Elvas — Calleja; Casmiro e Oliveira; Galinho, Neves e Sousa; Vieira, Massano, Patolino, Santa e Manuelito.

TEMOS o Belenenses no caminho das vitórias? No domingo, visitante em Setúbal, venceu com dificuldade, é certo, mas regressou com 2 pontos muito necessários às aspirações dos seus adeptos.

A equipa setubalense, porém, deu-lhe a réplica. Esteve algum tempo na posição de triunfador, e diz-se ainda que o golo da vitória lisboeta saiu de uma jogada fortuita. Motivo também para se supor que o Vitória deu novo «arranjo» às suas linhas, apresentando-se agora mais forte e perigoso.

Os grupos:
V. Setúbal — Baptista; Beirão e Figueiredo; Caetano, Pina e Primo; Campos, Armando, Vasco, Rendas e Cardoso Pereira.

Belenenses — Sérgio; Figueiredo e Feliciano; Rebelo, David e Serafim; Frade, Fidalgo, Sidónio, Pinto de Almeida e Narciso.

OUTRO clube lisboeta passou um obstáculo difícil: — O Benfica. A maneira como o jogo decorreu causou certa surpresa no espírito daqueles que julgavam o Lusitano capaz de não dar tudo para ganhar o encontro. Não sucedeu assim. Os algavios fizeram passar o Benfica por transes difíceis, e o tento da vitória só apareceu na segunda parte. Os algavios estiveram largo tempo na situação de vencedores...

Como se apresentaram as equipas:
Lusitano — Isaurindo; Lopes e Caldeira; Mortágua, Madeira e Branquinho; Almeida, Vasques, Macedo, Germano e Angelino.

Benfica — Pinto Machado; Felix e Fernandes; Jacinto, Moreira e F. Ferreira; Rogério, Corona, Júlio, Melão e Rosário.

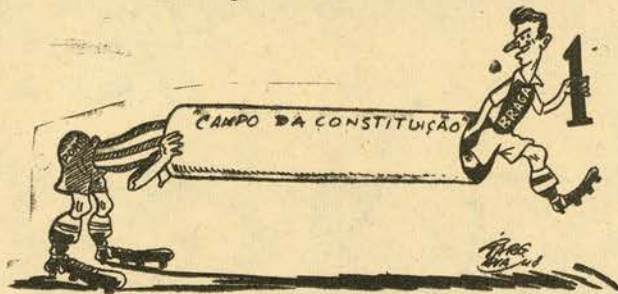
MARCAR um ponto na Covilhã não é nada mau. Pode o Olanhense, por tal motivo, sentir-se contente, pois não se sabe o que farão naquela cidade outras equipas mais bem classificadas.

Aos campeões algavios deu já o seu concurso o avançado centro Cabrita. Veremos outros jogos seus. Mas em nosso entender, para já, os algavios devem possuir equipa. E também o Sporting da Covilhã, visto que o demonstrou mais uma vez.

Alinharam:
Covilhã — António José; Roqui e Leopoldo; Fonseca da Silva, Pedro Costa e Fialho; Livramento, Martinho, Carlos Ferreira, Torres e Noronha.

Olanhense — Abraão; Rodrigues e Eminência; Acácio, Grazina e Loulé; Soares, Paulo, Cabrita, Salvador e Carmo.

A "graça" da semana



O Porto viu Braga por 1... «anudo»...

Resultados normais

na terceira jornada

Os resultados de 2.ª Divisão, na terceira jornada, foram os seguintes:

F. Benfica...	2	—	Oriental	...	4
C. Piadade...	1	—	Cuf Barreiro	...	0
Montijo...	0	—	Barcelense	...	1
Luso Barreiro	3	—	Cosa Plo	...	1
Leixões...	2	—	Famalicão	...	4
Vila Real...	5	—	Sp. Fejfe	...	4
Académico...	2	—	Vianense	...	1
Sanjaneense	3	—	Oliveirense	...	3
Ferrovário	2	—	Académica	...	3
Acad. Vilseu	3	—	C. B. Anco	...	1
Un. Coimbra	6	—	G. Alcobeca	...	1
Naval	3	—	Leões	...	3
Moura	0	—	Portimonense	...	4
Portalegrense	3	—	Desp. Beja	...	2
B. Esperança	2	—	Campamamor	...	0
U. Montemor	2	—	Sp. Farense	...	3

Temos por surpresa alguns resultados? Não parece. Todos os resultados obtidos nesta divisão estão ao alcance dos grupos, embora fosse de esperar melhor comportamento do Leixões, Atlético de Moura e Montijo — por jogarem nos seus campos...

O Sporting de Braga parece apostado em contrariar os nossos inofensivos vaticínios — ou, por outra, o F. C. do Porto — pois os bracarenses marcaram o gol que previamos; os portuenses é que se esqueceram de os marcar também!... Nos restantes desafios, salvo o da Covilhã — outra partida bem pregada aos profetas... — não andamos muito longe, errando apenas numa bola. O palpite para o jogo de Vila Real saiu certíssimo, pelo que se verifica que as previsões relativas ao Lusitano, são o nosso forte!...

A próxima tarde de futebol reserva-nos os seguintes jogos, indicando-se, como de costume, os resultados obtidos no campeonato anterior:

- Elvas-Sporting (1-2)
- Olhansense-F. C. do Porto (1-4)
- Estoril-Lusitano (6-1)
- Boavista-Atlético (5-2)
- F. C. Braga-V. Guimarães (1-0)
- Benfica-V. Setúbal (3-0)
- Belenenses-Sp. Covilhã

Campeonatos Nacionais Corporativos

Francisco Bastos e João Vieira em excelente forma

David Oliveira, Hilário Marques, João Picoito e Paulo Claro, novas revelações

A F. N. A. T. fez disputar na pista das Salésias, que se encontrava em bom estado, na tarde de sábado e manhã de domingo o seu 6.º Campeonato Nacional ao qual concorreram cerca de duas centenas de atletas, na maioria jovens prometedores, representando Lisboa, Porto, Coimbra, Braga e Setúbal, distribuídos por três categorias conforme o seu «palmarés» nesta organização.

Pode dizer-se que estes campeonatos foram excelentes pela luta travada entre os diversos competidores e pelas marcas alcançadas não só por atletas experientados, como também pela bela luta travada para conquista dos títulos, merecida de um bom lote de jovens revelados nestas provas organizadas pela Fundação Nacional pela Alegria no Trabalho

que assim presta bom serviço à causa desportiva em geral e ao atletismo em particular, que tão necessitado está de novos valores.

A F. N. A. T. pode orgulhar-se de através de meia dúzia de anos ter proporcionado aos trabalhadores portugueses, por meio da Educação Física e Desportos, uma vida salutar, higiénica e despreocupada que encontram nos ginásios, nas piscinas ou nos estádios, e que tão útil será ao renascimento da raça lusitana.

Nestes campeonatos que decorreram com ordem e interesse merecido da orientação que houve na pista, destacaram-se alguns elementos já conhecidos como o internacional Francisco Bastos, em óptima forma, agora que pensa em despedir-se do atletismo de competição e que tanta

falta virá a fazer pois atletas com a sua estirpe não aparecem todos os dias. Bastos ainda está novo demais para que deixe de pisar as pistas com aquela silhueta de grande senhor do meio-fundo curto, quase invencível através de doze épocas recheadas de campeonatos e recordes.

Os 38 s. alcançados nos 300 metros — recorde pessoal — dão-nos a certeza que se o almadense reconsiderar na atitude a tomar, ainda este ano o veremos bater mais algum recorde, visto que ainda esta época não viramos correr com tanta facilidade.

João Vieira voltou a rondar os 7 m., e creditou-se de boa exibição. Tomás Paquete correu á vontade embora esperássemos melhor tempo que o dos regionais.

João Silva continua em excelente retorno daquela forma de 1945 e que tanto tardou; Hilário Marques é uma promessa na pobre especialidade do dardo, e Carlos Ferreira continua a demonstrar belas aptidões para o peso. David Oliveira, com 38 s. e a luta que deu a Bastos, foi sem dúvida a grande revelação da última organização da F. N. A. T. na época presente.

Previsões da 4.ª Jornada

— Há muita gente que deseja viajar. Mas há passentas absolutamente prescindíveis. Por exemplo: a ida até Elvas — no caso dos «leões»!... A verdade é que, no domingo, os dois grandes favoritos da prova — Sporting e o Porto — têm duas visitas a fazer muito bem capazes de escangalhar os mais bem arquitetados planos para continuarem à «cachola» da classificação... O desafio de Elvas, quanto a nós, é uma incógnita. Estarão frente a frente (pelo menos no pontapé de saída...) os dois mais famosos avançados-centros — Peyroteo e Patalino — e dois estupendos interiores-direitos que são o cérebro das respectivas equipas — Vasques e Massano. E mais alguns astros de todas as grandezas. Jogado «lá», o desafio tanto pode acabar a favor duma banda como da outra.

Todas as hipóteses são de admitir. E nós vamos pelo meio termo, isto é, por um empate a duas ou três bolas, nem que seja para animar o campeonato!...

— Quanto à deslocação do F. C. do Porto, — sabe-se lá! Os Campeões do Norte regressam à base sem os dois clássicos pontinhos. Com as nossas desculpas aos simpáticos portuenses, vaticinamos-lhes uma derrota por 2-1...

— Talvez o Estoril consiga no próximo domingo um resultado à altura dos seus créditos... da época passada. Uns 5-2, por exemplo, já dava uma ideia...

— O jogo Boavista-Atlético é 100% equilibrado, especialmente nos tempos que correm... Achamos que os axadrezados não deverão perder a oportunidade para se estrearem na tabela de pontuação. Já vai sendo tempo... Por isso, o nosso prognóstico é este: 3-2 a favor dos locais.

— Temos um palpite que o «derby» minhoto desta vez terminará com honra para ambas as partes. E a previsão é: um empate a uma bola!

— Discretamente, o Benfica somará mais dois pontos na tabela. Os nossos leitores setubalenses de certo não nos levarão a mal se vaticinarmos uma vitória para os «encarnados» por 4-0!

— Os neófitos do Torneio estreiam-se em Lisboa! E logo por azar num campo de relva, o que é uma coisa a que não devem estar muito acostumados... Mas não faz mal. Não de ganhar ambos os contendores. O Belenenses, af por uns 4-1. E os «leões» da Serra ganharem... conhecimentos, o que já não é nada mau!...

Primeiro passo

Uma grande organização

No estádio José Alvalade começou a disputar-se no domingo o torneio popular denominado «Primeiro Passo» iniciativa assás interessante do Sporting e do nosso colega «Mundo Desportivo», que terá no próximo dia 10 a sua conclusão depois de um êxito retumbante, não só pela propaganda da modalidade como pelo modelo de organização, que foi absolutamente impecável. A orgânica do torneio era complexa não só pelo número de participantes, como pelo reduzido tempo que havia — apenas quatro horas — para se fazerem 46 eliminatórias, 16 oitavos e 6 quartos de final de 80 metros; 34 eliminatórias, 12 oitavos e 4 quartos em 250 metros; oito eliminatórias de 700 e quatro nos 2.000 m.; além de provas de saltos em altura e comprimento e lançamento do peso cada qual com cerca de uma centena de concorrentes, e tudo estava tão bem calculado que as provas terminaram com o atraso de... dois minutos. Não é exagero se dissermos que assistimos à mais bela organização de atletismo já vista em pistas portuguesas.

Cerca de seiscentos concorrentes representaram vinte e três clubes, numa competição entusiástica, a que assistiu imenso público.

No próximo número, com mais espaço, faremos longos comentários a esta interessante iniciativa.

Classificação Geral

	CASA					FORA					TOTAL				
	J.	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.	B.	P.	
Sporting	3	2	—	—	12-4	1	—	—	3-0	3	—	—	15-4	6	
Benfica	3	1	—	—	1-0	2	—	—	3-1	3	—	—	4-1	6	
Sp. de Braga	3	1	—	—	2-1	2	—	—	3-1	3	—	—	5-2	6	
F. C. Porto	3	1	—	1	3-2	1	—	—	5-1	2	—	—	8-3	4	
Vitória (G.)	3	2	—	—	7-2	—	—	1	2-3	2	—	—	9-5	4	
Sp. da Covilhã	3	1	1	—	5-1	—	—	1	1-2	1	1	—	6-3	3	
Olhansense	3	1	—	—	1-0	—	—	1	1-2	1	1	—	2-2	3	
Belenenses	3	—	—	1	0-1	1	1	—	3-2	1	1	—	3-3	3	
Atlético	3	1	—	1	3-4	—	—	1	1-3	1	—	—	2-7	2	
Estoril	3	1	—	—	3-1	—	—	2	4-9	1	—	—	7-10	2	
Elvas	3	1	—	—	2-3	—	—	2	2-6	1	—	—	5-8	2	
Lusitano	3	—	1	1	2-2	—	—	1	1-7	—	1	2	3-10	1	
Vitória (S.)	3	—	—	2	2-4	—	—	1	0-1	—	—	—	3-5	0	
Boavista	3	—	—	1	1-5	—	—	2	1-7	—	—	—	3-12	0	

Uma entrevista com o célebre guarda-redes Lino Moreira e com o seu filho José Lino, novo extremo do F. C. do Porto

Revive-se o passado para se apreciar o presente
Um guarda-redes que deixa de ser internacional na madrugada do jôgo...



Lino Moreira nos tempos em que defendia as redes do F. C. Porto

O mais representativo clube do norte enfrentou este ano o problema importante do reforço das suas quipás. Sentiu a necessidade premente de corresponder aos anseios dos milhares de simpatizantes seus e de reviver factos e glórias passadas, na defesa do prestígio de uma equipa que tem dado ao futebol português acontecimentos que constituíram motivo de orgulho.

O F. C. do Porto reformou inteiramente a sua equipa. Já não falamos na tentativa arrojada — mas possivelmente vitoriosa de Scopellí — de insistir num duo defensivo que parecia condenado no papel, mas que na prática se tem imposto com certo fulgôr.

Queremos referir-nos ao ataque. Na linha dianteira vemos três novas vedetas e afirma-se que dentro em breve outro reforço chegará a Portugal. Um argentino que actuava em Porto Alegre e que segundo informes é um interior de limpa classe.

Nos extremos, quer na direita quer na esquerda, possui a colectividade azul-branca dois valores novos, rapazes cheios de mocidade, de rapidez e de habilidade. Ambos jogam no estilo moderno, interessando-se com facilidade.

José Lino, que alinha à direita mas que também joga à esquerda — porque possui dois bons «pés» — veio de Leça de Palmeira, a linda localidade dos nossos arredores. O seu nome recordou-nos qualquer coisa e ao vê-lo mais de perto fizemos lembrar um grande jogador do passado: Lino Moreira.

A semelhança tinha razão de ser. O novo recruta do F. C. do Porto, com 20 anos apenas, é filho do antigo e celebre guarda-redes dos «azuis-brancos».

Teria interesse jornalístico ouvir o pai e o filho sobre o futebol, de hoje e de ontem. A um seriam pedidas impressões do passado; ao outro solicitaríamos as suas esperanças quanto ao futuro.

Lino Moreira, que esteve muito tempo afastado do futebol, mesmo como



Lino Moreira e seu filho José Lino

espectador, voltou à actividade. Encontrámo-lo ha dias e, velhos amigos, sustentamos, enquanto toma-

vamos café, uma despretençiosa conversa.

Dizia-nos o grande jogador do passado: — Deve compreender que é difícil o confronto. No passado jogava-se com mais entusiasmo, ganhava-se mais amor àquilo. A camisola tinha outro significado. Lutava-se com mais alma e mais espirito de sacrificio. Joguei muito tempo no F. C. do Porto. Conheci tardes de glória mas nunca ganhei um tostão. Pagava as minhas deslocações no electrico e comprava equipamentos. Os tempos mudaram!...

Hoje joga-se com mais conjunto, melhor tactica, mas se fossemos buscar elementos do passado e enquadrá-los nos sistemas de agora que grandes equipas se formaríam.

O Tavares Bastos por exemplo! Que grande avançado-centro ele foi — como nenhum outro houve em Portugal!

— A propósito Lino, qual foi o avançado que mais temeu?
— O Francisco Stromp, do Sporting. Era temível. Pontapé fortissimo e quando ia para a baliza, parecia levar tudo na sua frente.

— De todos os guarda-redes que viu, qual o que mais o impressionou?

— Indiscutivelmente Zamora. Era enorme.

— Viu jogar Roquete e Azevedo, qual lhe pareceu melhor?

Lino Moreira concentra-se um pouco. Mas responde:

(Continua na página 6)

BELA EXIBIÇÃO DO ATLÉTICO

Correia, saindo a tempo, evita um ataque elvense



Calleja, apertado por Ben David, desvia a bola com um sóco

Fotos MONTEIRO



Um golo de Rogério. Marcou 3 neste desafio

Uma fase curiosa: ataque do Benfica — defesa porfiada do Lusitano. Os algarvios jogaram com muito empenho



Eis um lançamento na melhor altura

Fotos MANIQUE



O LUSITANO NÃO É PARA GRAÇAS...

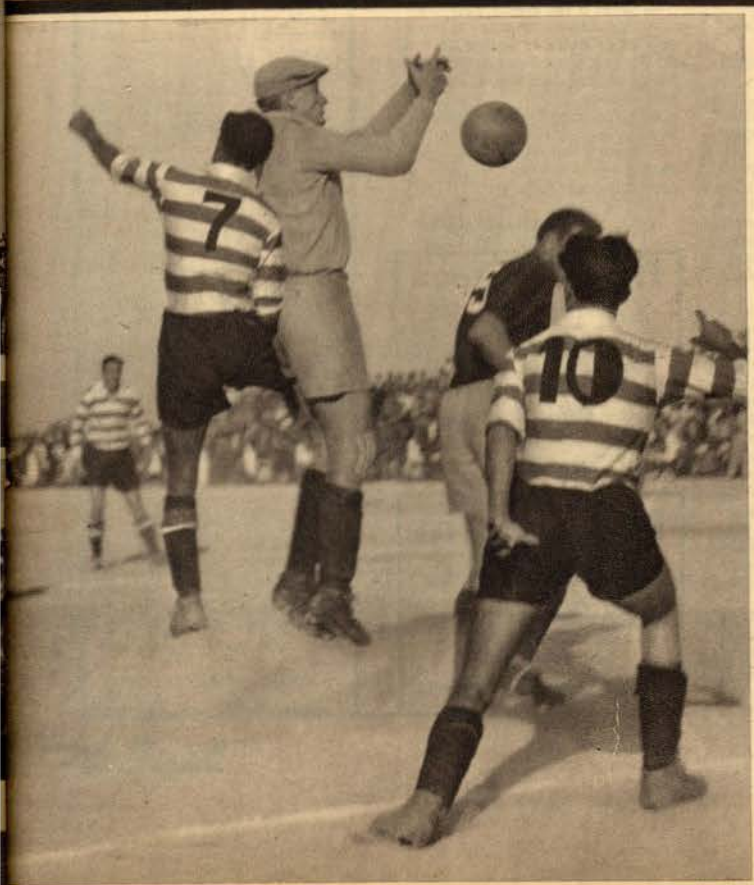
Defesa de Isaurindo



Dois adversários à procura de uma bola que não se vê. Não houve perigo



Fotos ARNALDO SOARES



Abrado é um belo guarda-rede. É preciso ter força de remate para o bater. Neste jogo da Covilhã contribuiu para o empate, pois manteve a sua habitual segurança

O ÚNICO EMPATE DA 3.ª JORNADA



Lino Moreira e José Lino

(Continuação da página 4)

— Foram ambos muito bons. O Roquette tinha outra presença na baliza. Era mais estilista nos o Azevedo, mais sóbrio, mostrou-se mais seguro. Se tivesse de preferir, escolheria Azevedo. Não posso esquecer o Miguel Siska que foi um jogador de classe inconfundível. Teria sido uma vítima, no entanto, se jogasse no nosso tempo. Os seus mergulhos seriam ainda mais temerários e... mais perigosos.

— O Lino não chegou a ser internacional?
— Contos largos, meu amigo. Estava *seleccionadíssimo*. No domingo anterior ao jogo magoel-mem encontro contra o Selgueiros. Segui um tratamento rigoroso e na quinta-feira estava apto a jogar. Segui para Lisboa no sábado à tarde. Era eu o guarda-redes escolhido. Quando cheguei, à meia noite, tinha uma espera de príncipe. Reuniram três médicos, num conciliabulo difícil. Dois deles deram-me como apto, mas o último, depois de me dar um esticão num pé, acabou por dizer que não podia jogar.

«E não jogou mesmo! Fiquei desapertado. Foi seleccionado o Carlos Guimarães e horas do encontro. Esqueceu-se até a candidatura do Mário Duarte que nessa época jogava no Belenenses e parecia ser o melhor candidato.

«Coisas do futebol... e das seleções.

— O Lino teve tardes de glória?
— A que me deu maior alegria foi quando ganhámos o campeonato nacional — o primeiro em 1922. Foi no campo do Besse. Vencemos por 3-1 depois de prolongamento. Recordo-me que o milagre da nossa «genica» nos 30 minutos extras, foi criado por uma oferta dum médico Inglês que estava no campo e que nos ofereceu uma garrafa de vinho do Porto. Bebemos meio cálice cada um, enquanto os rapazes do Sporting tomavam banho no balneário para se refrescarem. Estava uma tarde escaldante.

«O vinho da nossa terra assemelhou-se a uma tonelada de carvão. Fomos para o campo com uma energia desconhecida. Recordo-me que vim aos ombros desde o campo do Besse à Rotunda da Boavista. O povo viveu o acontecimento por forma extraordinária. O campo ficou juncado de chapéus de palha...»

«Quanto às mais tristes horas das derrotas por 7-1 em Sevilha em frente do Bells e um resultado de 5-0 que sofremos em Lisboa, perante a selecção da capital. Ficámos todos amargurados. Eu vim ao colo do campo para o balneário, trazido pelo próprio público lisbonense, mas cá dentro pôla-me uma grande mágoa.

O café tinha desaparecido das

châvenas. Já na abelada, perguntamos ao Lino Moreira: — E' com agrado que vê o seu repaz no F. C. do Porto?

— Estou contente! Sinto que o repaz ali progredirá. Não me interessa o ele viver de bola. Gostaria que ele progredisse e ha-de progredir, porque tem qualidades para tal. Não pense que o vejo com os olhos de pai — encaro-o como admirador do futebol... e enlago guardas-redes do glorioso F. C. do Porto.

Podíamos terminar aqui esta desprezível crónica. Não quisemos. Sentimos que ficaria incompleta. Resolvemos ir à Constituição falar com o filho do Lino Moreira, Estavam e treinar todos os consagrados. Entre eles lá vimos o brasileiro Silva e o dis-culidíssimo Vital.

Num pequeno intervalo trocámos ligeiras impressões.

José Lino diz-nos — Estou esperançado em cumprir na equipa do F. C. do Porto. Não posso esquecer o Leça mas a verdade é que no meu novo clube posso ir mais longe e quando somos novos temos espirações.

— Goste do posto em que se encontra?

— Jogo onde me mandarem. Não desgosto do posto de extremo, quer à direita quer à esquerda. Assim como simpatisarei com qualquer um em que possa ser útil.

— Que lhe parece a equipa do F. C. do Porto?

— Val ver como vamos fazer figura. Quando estiver bem afinado, justificarei os melhores aspirações.

— Qual o seu maior desejo?

— Por enquanto mostrar-me digno da primeira categoria do F. C. do Porto e honrar o nome de meu pai, que se dedicou à camisola azul-branca.

«Outros sonhos virão depois... se possível for!»

Tinhamos encontrado o fecho para a nossa crónica. O resto era com o Hermann...

Alves Teixeira

BASQUETEBOL

A época de 1947-48 promete ser muito animada...

EMBORA a época 1948-49 tenha começado no dia 15 do corrente, a actividade dos clubes lisboetas em basquetebol, foi, até agora, quase insignificante, pois somente o Atlético e o Belenenses realizaram por ocasião dos seus aniversários alguns jogos amigáveis, sem quaisquer atractivos especiais.

No entanto, e apesar deste aparente desinteresse, podemos afirmar que tudo se conjuga para que a temporada, há pouco iniciada, resulte brilhante, não só pelo des-pique que vai, sem dúvida, envolver os dois principais centros do País — Lisboa e Porto — como ainda pelo desejo de valorização que se nota nos meios menos apetrechados, entre os quais destacamos — porque é inteiramente justo — o trabalho produzido nesse sentido, pelas diversas colectividades das regiões de Coimbra, Aveiro e toda a provincia do Algarve.

Passando em revista a acção das várias Associações Distritais, verificamos que a do Porto teve na época passada um período de incessante actividade, coroados, aliás, da melhor maneira, pelos pertencentes a clubes da capital do Norte todos os lifulos postos em luta pela

Federação, nas provas que organiza.

Assim, o Vasco da Gama, que em 1947-48 marcou ascendência sobre todos as equipas portuguesas, venceu o Campeonato Nacional da 1.ª Divisão e a «Taça de Honra» — as duas competições mais importantes do calendário federativo. As provas nacionais, referentes às II e III Divisões foram igualmente ganhas por filiações do A. B. Porto, F. C. do Porto e Académico F. C.

Esta verdadeira «época de ouro» de que os desportistas norteños justamente se orgulham, impila, porém, uma série de responsabilidades, com vista à próxima temporada. Haverá o natural desejo de desforra, por parte dos lisboetas e a compreensível vontade de reforçar a posição conquistada, no que diz respeito aos portuenses.

De tudo isto resultará um interesse maior do público pelos programas de basquetebol e uma melhoria técnica das equipas das duas cidades — circunstâncias de que resultarão certamente, muitos benefícios para a modalidade.

Principa, como se vê, sob bons auspícios, a época 1948-49. Oxalá, portanto, os factos não desmintem estas previsões tão optimistas...

Monteiro Poças

DOCTRINA CONFUSA

EM sua editorial de 6 de Setembro, o nosso colega «O Século», analisando as condições e resultados da nossa representação Olímpica reconhecida, dentro do melhor critério, a necessidade de se aproveitar a lição.

As afirmações produzidas, pela importância da tribuna, assumem particular interesse pelo que nos permitimos transcreever alguns períodos. Assim, reconhece-se que «dentro do amadorismo não pode deixar de haver um profissionalismo apaixonado que se obsteine em atingir a perfeição máxima»; e mais adiante, «Estuda-se a vida dos campeões olímpicos. Quem o fizer verificará que toda ela é conduzida e guiada para um fim único, que é o de habilitar o seu titular a fazer boa figura quando for chamado a defender a bandeira e o orgulho atlético da sua pátria. Pois bem: é esse profissionalismo dentro do mais estrito amadorismo, que falta quase por inteiro em Portugal. E falta por duas razões fundamentais: por os nossos desportistas terem, regra geral, de trabalhar para viver, o que lhe rouba tempo para cuidarem dos seus músculos e do cultivo das suas aptidões para o género de desporto a que se votam, e por o Estado não intervir financeiramente. No sentido de criar aos sinceros e apaixonados pelos exercícios de destreza, os meios indispensáveis para que eles se aproximem do fim almejado».

Por último, destacaremos ainda esta frase: «O desporto, cultivado por amadorismo, é uma distração ou um vício caro».

Embora fosse mais apropriado substituir, nesta última afirmação, a palavra «desporto» por «campanionismo», ou acrescentar-lhe o adjectivo «olímpico», não podemos deixar de reconhecer certo fundamento às afirmações transcritas; mas isso levar-nos-á a concluir que o desporto olímpico está desvirtuado, que não corresponde à doutrina apregoadada pelos seus mentores: acutilando que o desporto, cultivado por amadorismo, é caro, ocorre perguntar quantos milionários ou homens ricos triunfaram em Londres, para averiguar quais os que, com certeza, não eram amadores.

O problema é muito complexo.

Os Jogos são elemento de propaganda nacionalista e, como tal, há realmente países onde o Estado interviem financeiramente, de modo a suprir todas as carências. Mas será essa a finalidade procurada pela moral olímpica?

Cremos que não.

F. G. Mateus

Alfaiataria

Telefone 3 7900

Fatos, Camisas, Gravatas, Pengas, Cintos, Suspensórios e Lenços

Fazendas nacionais e estrangeiras

Rua Coronel Pereira da Silva, 6, r/c + E.

RJDDA LISBOA

Fotografia IDALINO

Telefone 3 7900

4 - Rua Coronel Pereira da Silva, 4-A

Ajuda — LISBOA — à Boa Hora

A primeira vitória portuguesa

Portugal, 1-Itália, 0

EM 17 de Maio de 1925, a selecção nacional portuguesa jogara pela quarta vez, no Estádio do Lumiar, contra a sua rival espanhola e, pese embora uma derrota por 2-0, deixara na crítica especializada uma boa impressão. O grupo, sendo seleccionado Ribeiro dos Reis, fôra submetido a preparação especial e reunidos os seus componentes, dias antes da data do encontro, em estágio nos arredores da capital.

Estava então já previsto, para um mês depois, o primeiro encontro com a equipa representativa da Itália que, tendo concertado um jogo com a Espanha, accedera a prolongar a sua excursão desportiva até Lisboa, na condição porém de disputar o prélio com os portugueses no meio da semana; o dia designado foi a quinta-feira, 18 de Junho. No entanto, embora logo a seguir ao nosso jogo com os espanhóis se falasse em manter, dentro do possível, o ritmo de preparação dos seleccionados, parece que foi deixando passar o tempo em vão, pois em editorial de «Os Sports», de 8 de Junho, lia-se o seguinte: «Se não tivéssemos lido a notícia num jornal italiano, julgaríamos que fôra anulado o nosso encontro em futebol com aquele país». E pergunta depois: «Como será constituída a linha? Não se sabe. Que treinos se têm realizado? Nenhum. Que propaganda se tem feito a prova? Nenhuma também, porque nada se tem feito». Concluindo: «Nada nos

admirará que, dentro em breves dias, entoem em cantochoão o «de profundis» do futebol lusitano...

Este amargo tom de pessimismo não teve continuação e supõe-se um pouco precipitado, pois em 10 de Junho, dois dias depois efectuava-se o primeiro treino entre a provável selecção e o Sporting Clube de Portugal, treino pouco eficiente por falta de bastantes elementos. Dos seleccionados compareceram: o trio defensivo, Cesar, João Francisco, Mário de Carvalho e o portuense Fonseca e no grupo dos «leões» só alinharam cinco titulares. A vitória pertenceu ao mixto dos prováveis, por 3-1.

No dia seguinte os futuros internacionais partiram para a Malveira, em estágio, fazendo segundo treino nas Caldas da Rainha, no domingo 14, contra o Sporting local, que foi derrotado por 5-1.

Nessa mesma tarde, em Valência, a selecção italiana, apesar de exhibição notável, perdia por 1-0 o seu match com a espanhola.

O encontro despertou bastante interesse e a União Portuguesa de Futebol empregou todos os esforços para lhe garantir o êxito. Entre outras diligências, solicitou do Estado tolerância de ponto no dia do jogo e pediu ao comércio para cerrar suas portas às 16 horas, duas horas antes do início da partida.

No Estádio do Lumiar reuniam-se 16.000 espectadores quando o árbitro belga Thenerkanff alinhou frente

a frente os dois grupos, assim constituidos:

Itália — Combi, Rosetta e Caligaris; Genovesi, Burlando e Gandini; Conti, Balonceleri, Della Valle, Magnozzi e Forlivesi.

Portugal — Francisco Vieira (Benfica), António Pinho (Casa Pia) e Jorge Vieira (Sporting); Raul Figueiredo (Olanhense), Augusto Silva e Cesar de Matos (Belenenses); Domingos Neves (Olanhense), Mário de Carvalho (Benfica), João Francisco Maia (Sporting), José Carlos Delfim (Olanhense) e Manuel Fonseca e Castro (Académico).

Para a entrada de Domingos Neves na selecção foi necessário um pedido dos seus companheiros aos directores federativos, pois se encontrava castigado com suspensão temporária; era o sportingista Alfredo Torres Pereira quem fôra chamado para o substituir.

A pugna começou com os italianos a atacar, criando algumas situações escafozantes, que a nossa extrema defesa, a quem a sorte bafejou por vezes, conseguiu resolver em bem.

Depois fomos ganhando autoridade e aparecendo com mais frequência ao ataque. Aos 33 minutos Combi viu-se forçado a conceder canto, que Domingos Neves marcou. A bola veiu alta, Rosetta fôlhou a intercepção de cabeça e ela veiu cair em frente a João Francisco, oportunamente colocado, que a colheu no resalto para conseguir o único ponto da partida.

Até ao intervalo, incitados pelas aclamações do público, os jogadores portugueses mantiveram vantagem territorial, improficua por erro de pontaria.

Durante estes primeiros três quartos de hora, a estatística do jogo diz-nos que Combi interveio 8 vezes e Vieira outras tantas, que se marcaram dois cantos contra cada equipa e que o número de bolas de saída foi de 7 do lado português e 6 do lado italiano. Equilíbrio, portanto.

A segunda parte foi mais difícil para os nossos, porque os adversários empenharam todo o seu ardor para modificar o resultado; em vão, porém, porque na área de defesas, Pinho, Jorge e Figueiredo multiplicaram-se e nada deixaram passar que Vieira, sempre atento, não pudesse parar.

Os minutos finais foram de verdadeira assédio ao campo português, mas a marcação manteve-se inalterável.

Os números relativos ao segundo meio-tempo são expressivos: 10 defesas de Vieira e 2 apenas de Combi; 4 cantos contra os portugueses e 1 apenas no campo contrário; 13 bolas de saída do nosso lado, 9 do adversário.

Os nomes mais destacados pela crítica foram os de Figueiredo, Delfim, Jorge Vieira, Pinho e João Francisco, com realce para os dois primeiros.

A principal causa

DESDE os dirigentes em actividade nos organismos associativos aos críticos especializados, com extensão ainda a muitas mais pessoas que episódicamente consagram o seu interesse ao assunto, são numerosos os pareceres sobre as causas da crise latente do atletismo português, dos seus progressos julgados lentos e insuficientes.

De tantas razões apontadas temos que reconhecer validade à maioria, mas é de notar que quase todas são de ordem extrínseca — falta de apoio, escassos de subsídios, etc. —, como se a própria organização da modalidade ou os organismos interessados não fossem também responsáveis dentro de certa medida.

O desenvolvimento e o aperfeiçoamento do atletismo é função, sobretudo, de propaganda: alair novos praticantes, captivar público e incitar os adeptos a mais cuidada preparação.

Nenhum destes objectivos se pode alcançar sem competições frequentes, organizadas em condições favoráveis a uma colaboração geral.

Tomemos o exemplo desta temporada: os atletas consagrados e cujas provas não foram consideradas de interesse olimpico, disputaram uma prova em Julho e outra em Agosto, quase um mês depois. Após os nacionais, que de nacionais quase só tiveram o nome, nenhuma iniciativa se lembrou de aproveitar tantos domingos isentos de espectáculos desportivos de vulto, para manter a chama sagrada da actividade dos atletas.

Como se pode querer que, em tais circunstâncias, eles mantenham seu treino e aperfeiçoem sua forma; para quê?

Enquanto a vida activa do atletismo português se resumir a dois concursos por ano, os campeonatos regionais e federativo, não é possível progredir com rapidez ou desenvolver interesse geral. E este mal é intrínseco; só as próprias forças vivas do atletismo o podem debelar: os dirigentes, organizando torneios com continuidade prolongada; os atletas comparando regularmente a eles para que correspondam ao objectivo procurado.



Três figuras de relevo no Portugal-Itália: à esquerda, o capitão da equipa italiana, Caligaris, o árbitro belga Thenerkanff e o capitão da equipa nacional, Jorge Vieira

8 GOLOS ENTRE DOIS BONS GRUPOS...



IMAGENS DO SPORTING-ESTORIL

1) - *Vê-se, dentro da rede, uma das bolas do Sporting, marcada por Jesus Correia; 2) - e mais outra, obtida por Peyroteo; 3) - Peyroteo marcou desta vez?; 4) - Uma defesa espectacular de Sebastião*

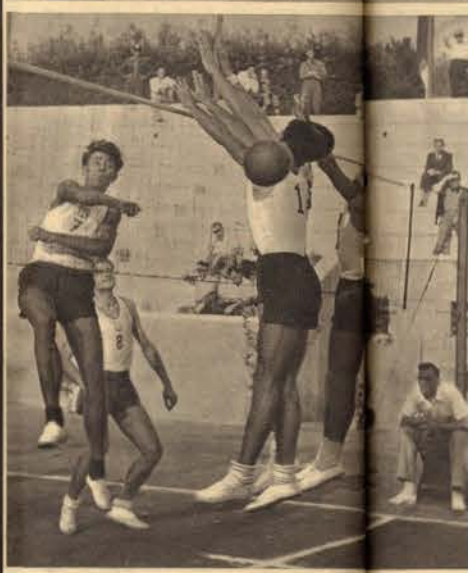
INCIDENTES DO FUTEBOL

O futebol, de vez em quando, magoa bastante. Por felicidade, os acidentes são em pequeno número, mas um ou outro dá-nos uma nota de gravidade lamentável.

Foi agora o caso de Lourenço, um rapaz que tem sido duramente provado noutros jogos. Pouca sorte sua. O correcto médico do Sporting viu-se há tempos afastado dos campos por causa de uma lesão. No domingo, o simpático moço fracturou uma perna, e terá de aguardar no leito algum tempo.

Isto não é «moeda corrente» no futebol, e oxalá casos desta natureza sejam raros. Melhor: — que não apareçam nunca a empanar o prestígio do mais popular dos desportos.

Esta frase que publicamos dá-nos conta do seu aborrecimento e dos colegas. No futebol, nem mesmo os adversários ficam insensíveis a desastres de tal quilate.



PORTUGAL no campeonato de voleibol da EUROPA

FOMOS a Roma jogar voleibol. Recebemos portanto o baptismo «internacional», e embora não conseguíssemos melhor do que o 4.º lugar, à frente da Holanda e da Bélgica, o certo é que tivemos de enfrentar nações categorizadas nesta modalidade.

De alguma coisa serviu, porém a nossa comparação em Roma. Para o ano, segundo se resolveu em princípio, teremos o Campeonato da Europa em Lisboa, e nessa altura se verá se o voleibol português ganhou ou não categoria depois deste contacto com grupos de boa classe.

O grupo português, infelizmente, não pôde deslocar-se para a Itália bem formado. Faltaram pelo menos dois jogadores indiscutíveis, impedidos de fazer a viagem por causa dos seus afazeres militares.

O Torneio europeu foi ganho pela Checoslováquia, que não teve derrotas. A Holanda não fez pontos, e Portugal, entre bons correntes, ficou a 2 pontos da Itália, país onde se disputou o Torneio.

Vejam a classificação geral dos 6 concorrentes:

Checoslováquia.....	10	Pontos
França.....	8	>
Itália.....	6	>
Portugal.....	4	>
Bélgica.....	2	>
Holanda.....	0	>

Os resultados da equipa de Portugal: contra a França, 1-3; contra a Checoslováquia, 0-3; contra a Itália, 0-3; contra a Holanda, 3-0; e contra a Bélgica, 3-0.

Na lista de resultados poderíamos talvez fazer melhor. Mas lá iremos, com o rodar dos tempos.

Se continuarmos a trabalhar dedicadamente, havemos de melhorar!

Nesta reportagem pode ver-se a equipa nacional e duas fases do jogo contra a Checoslováquia.



UMA VITÓRIA DIFÍCIL

2-1 EM SETÚBAL PARA O BELENENSES

O Belenenses conquistou em Setúbal a sua primeira vitória deste campeonato. Não o conseguiu sem custo, pois os rapazes do Vitória fizeram o possível para ganhar. Durante muito tempo, esteve duvidoso o resultado da partida.

Quer isto dizer que os chamados jogos facéis tendem a desaparecer neste campeonato. Aponte-se entretanto que o «team» de Belem trabalhou com cuidado e entusiasmo, olhando pela defesa e atacando sempre que pôde.

Três fases do jogo: de cima para baixo — duas defesas apertadas de Sérgio; ao alto, no lado esquerdo: — um soco aparatoso de Baptista.



Fotos BENIGNO CRUZ



O MINHO afirma-se...

Os clubes do Minho tiveram o seu dia. O Vitória de Guimarães e o Sporting de Braga, ganharam aos dois clubes portuenses, o que é digno de realce. Em Guimarães — atacam com ímpeto os locais. As duas fotos demonstram-no

O VASCO DA GAMA perdeu um desafio com o FLUMINENSE

(Especial para «Stadium», do nosso redactor CÂNDEIAS ALVAREZ)

COM uma renda de 334 pontos, das melhores registadas no actual Campeonato Carioca de Futebol, disputou-se em 5.º de Janeiro o «clássico» mais emocionante da temporada e cujos jogos de sensacionalismo trouxeram apaixonada e opiniosa desportiva de todo o País durante o espaço de tempo que mediu o atraso de uma rodada provocado pelo mau tempo feito no Rio de Janeiro devido à impraticabilidade dos campos, por demais encharcados, devido às 72 horas de contínuas chuvas que inundaram a cidade de São Salvador.

Vasco da Gama e Fluminense foram os heróis desta jornada magnífica.

Ambos tinham interesses particulares em disputa, o que os obrigava a olharem este «match» com cuidados excepcionais.

Havia de parte dos vascaínos o desejo veemente de desforra pelo desaire sofrido na final do Torneio Municipal em que foram vencidos pela contagem mínima, num desfecho memorável, enquanto que de parte dos tricolores havia a preocupação de pretenderem reedificar essa vitória anterior, tendo para tal Ondino Vieira sujeitado os seus pupilos a severo treino.

A invencibilidade do Vasco, no actual torneio, era o outro ponto de alto interesse, visto que, levando de vencida o seu brioso adversário o guindaria a uma situação destacadíssima com 5 pontos de vantagem sobre o segundo colocado, o Botafogo, gerando-lhe, assim, e muito antecipadamente, o título de 48, mas fazendo deste maneiro desaparecer totalmente o interesse das restantes jornadas. E por último, a alegria da torcida brasileira, que nestes dias se unem como se só dois clubes existissem — para ver o Vasco perder.

O que se viu, afinal, não foi mais que uma perfeita segunda edição do Torneio Municipal.

O Vasco, conscio das responsabilidades que pesavam sobre os seus ombros, tentou resolver a partida, o que não conseguiu devido à forte oposição dos tricolores em dia excepcional, mais parecendo gigantes dispostos a tudo, em benefício das suas cores.

Tentou o grémio crustalino dominar, usando para tal do seu tão feleto sistema «diagonal» que, digamos de passagem, já está passando muito de moda e não dando os resultados que de ante-mão se previa, contra o qual Ondino Vieira opoz uma defesa em W e um ataque em M, perfeitíssimos, e que

confundiram toda a defesa vascaína, tal como no desafio contra o Boca Junior, de Buenos Aires, quando de sua visita a este capital, e em que os vascaínos foram vencidos por 5-3.

Quando aos 7 minutos, Rodrigues, do Fluminense, com um tiro seco, conseguiu o primeiro gol para a sua equipa, delirantemente aplaudida pela enorme torcida de arquibancadas de 5.º de Janeiro, sentiu-se que tal como no Torneio Municipal, o Vasco iria comandar durante muito tempo as operações, mas dificilmente conseguiria concretizar em golos o seu domínio e isto devido à forma defeituosa como a sua linha avançada cami-

nhava em direcção à baliza contrária. Com os extremos em cunha e como tal provocando a aglomeração dos cinco avançados num pequeno espaço de terreno o que lhes não permite visar o gol com facilidade, pois com esse sistema, vê-se a defesa adversária com muito mais vantagem de despecho.

Finalmente, na segunda parte, o Vasco da Gama soufreu o 2.º tento do Fluminense. Dominou depois, o mais possível, quase esmagando. Porém, os defesas fluminenses tudo fizeram para garantir o resultado. E garantiram mesmo. Depois do jogo — não se joga noutre coisa. O Vasco perdera — e era novidade!

NATAÇÃO

OS CAMPEONATOS

da «Mocidade Portuguesa»

A natação teve, domingo último, uma manifestação de actividade algo diferente do habitual. Não esteve em causa a luta clubista. Tão pouco houve o propósito de melhorar este ou aquele recorde. Uma alta intenção pedagógica presidiu, no domingo, à realização dos campeonatos da «Mocidade Portuguesa» — a patriótica organização que há doze anos e esta parte vem desenvolvendo acção devesas notável em favor da juventude portuguesa.

O trabalho dos centros de natação da Delegação Provincial da Estremadura esteve bem potente, bastando afirmar-se que estiveram presentes cerca de 250 nadadores.

De facto, uma das notas mais interessantes a pôr em relevo é precisamente o elevado número de concorrentes que obrigou, na quase totalidade das provas, à divisão em séries.

De modo geral, pode afirmar-se que a reunião agradou, mantendo o público interessado de princípio e fim. Houve provas bem disputadas e alguns resultados técnicos dignos de registo. Estão neste caso, os «tempos» alcançados pelos «infantes», com referência especial, claro, para aqueles nadadores já conhecidos das fileiras clubistas que, como é natural, dominaram com certo êxito. Neste escalão — «infantes» — distinguiram-se Fernando Amoral, Rui Nuno Romero,

Agostinho Janeiro e Eduardo Barata.

Entre os «vanguardistas», merecem citação os nomes de Manuel Maria Barbelo — bom vencedor dos 66 metros-costas (57, 2s.) — de Eduardo Silva, que triunfou muito bem nos 66 metros-bruços, em 1 m.; de João Manuel Calixto e de António de Costa.

No escalão de «cadeletes» os «tempos» verificados foram mais francos. Mesmo assim, as provas foram bem disputadas, e alguns dos concorrentes revelaram apreciáveis qualidades.

José Cunha triunfou nos 100 metros-costas, em 1 m. 46,7 s.; Leonel Silva (1 m. 39,6 s.) e Mário Pinho (1 m. 41 s.) distinguiram-se nos 100 metros-bruços e José da Silveira Cunha averbou boa vitória nos 100 metros-livres, em 1 m. 23,6 s.

Cinco animadas estafetas completaram o programa, proporcionando alguns dos mais curiosos momentos deste reunião.

Boa organização, à qual não foi estranha a preciosa intervenção de António Paes, sempre pronto e dar o seu esforço, sempre dinâmico e entusiasmado.

E por último, anotemos o resultado do campeonato do saltos: 1.º António Gonçalves, 21 pontos; 2.º Luís Costa, 8 pontos — ambos do Centro Extra-Escolar n.º 1.

Abreu Torres

CICLISMO

As 5 voltas a Mafra

(Continuação da pág. 8)

Fez um esforço grande é certo, bem compensado, de resto, com um triunfo que dificilmente se poderia prever, no lufelo da prova.

Império dos Santos foi um bom 2.º classificado, conduzindo a corrida com inteligência; José Baptista, do Tavra, conquistou o 3.º posto já dentro do Estádio; enquanto que Jílio Mourão se firmou no 4.º lugar.

Maximiano Rola que fôra o segundo homem a entrar a porta do Estádio teve uma arrelhiadora avaria a inutilizar o esforço de uma boa prova.

Os momentos culminantes das Cinco Voltas a Mafra foram-nos dados por João Lourenço, que em bom estilo se destacou na segunda volta, na fonte do Cuco, chegando a dar a impressão de que seria ele o vencedor, e na fuga de Joaquim Palmeiro, entre Alesinha e a Malveira,

com enérgica pedalada, que foi aumentando progressivamente, até se transformar numa brilhante vitória.

Só estes dois aspectos da corrida valorizariam a prova se ela não tivesse tido alguns outros de franco agrado como, por exemplo, a maneira como os ciclistas atacaram as subidas e a loucura das descidas, em que a velocidade imprimida era superior, por vezes, à do magnífico carro em que segulam os representantes da imprensa.

Esta vitória de Joaquim Apolo, e a de Tálito Pereira em Óbidos, parecem indicar-nos que os ciclistas do Sporting e do Benfica se preocupam demasiado com a luta entre si, ficando impassíveis, ou pelo menos resignados, quando foge algum corredor dos que não são considerados perigosos e que, afinal, vêm a triunfar com merecimento.

Antas Teixeira

PRIMEIRA VITÓRIA INTERNACIONAL

LISBOA, 1925, CONTRA A ITÁLIA



Em 18 de Junho de 1925, no Estádio do Lumiar, esta equipa nacional jogando contra o afamado grupo representativo da Itália, alcançou para as cores portuguesas a primeira vitória internacional, por 1-0. Prenúncio feliz de outros triunfos que assinalam, como marcos festivos, a rota ardua da nossa campanha internacional. — *Da esquerda para a direita*: Raul de Figueiredo (*Olhansense*); Mário de Carvalho (*Benfica*); Francisco Vieira (*Benfica*); Carlos Delfim e Domingos Neves (*Olhansense*); Cesar de Matos e Augusto Silva (*Belenenses*); Manuel da Fonseca e Castro (*Académico*); António Pinho (*Casa Pia*); João Francisco Maia (*Sporting*), autor do ponto português e Jorge Vieira (*Sporting*), capitão.

PATTON vencedor de todos os negros

Nuno Morais, um bom "sprinter" europeu — Análise à prova de 200 metros

aproximado, isso deve-se apenas à inconstância do clima britânico e ao pouco rendimento da pista, pesadíssima devido à chuva. Porém, lembramos que o famoso Dillard não estava presente, visto que depois de o termo visto em Paris correr sem adversários que o apertassem, e partindo na pista exterior, Dillard com perfeita descontração e avontade percorreu 200 metros em 20,8 s. Deu-nos também a sensação de, normalmente, ser superior a todos nas duas distâncias oficiais das provas de velocidade pura.

Mc Kenley o mais regular de todos

Se analisarmos os tempos de cada finalista nos diferentes eliminatórios, verificamos:

Patton, 21,6 s.; 21,4 s.; 21,6 s. e 21,1 s. na final. Ewell, 21,6 s.; 21,8 s.; 21,8 s. e 21,1 s. na final. Lebeach, 21,4 s.; 21,7 s.; 21,6 s. e 21,2 s. na final. Mc Kenley, 21,3 s.; 21,3 s.; 21,4 s. e 21,3 s. na final. Bansiand, 21,7 s.; 21,3 s.;

21,5 s. e 21,4 s. na final. Loing, 21,9 s.; 31,8 s.; 21,6 s. e 21,8 s. na final.

Portanto, Patton e Ewell, iguados em tempo na final, mostraram serem os mais rápidos; Lebeach seguiu-os a 1/10 apenas, e Mc Kenley com três vezes 21,3 s. e mais um décimo na meia-final em que foi vencedor não melhorou na prova decisiva. Mas também não piorou; Bansiand também com bom conjunto de tempos, piorou como o jamaicano Loing, que nos pareceu inferior ao excelente australiano Treloar que, fazendo sucessivamente 21,7 s., 21,5 s. e 21,7 s., tinha valor para alinhar em qualquer das finais das provas de "sprint".

O Inglês Mc Corquodale voltou a ser o melhor europeu

A revelação destes jogos de Londres foi o inglês Mc Corquodale que com 21,8 s., bate de longe todos os outros europeus e é a grande esperança da Europa para Helsinquia, visto que

apenas conta vinte risonhas e loiras primaveras...

Pena foi que o romeno Holna não estivesse presente, pois que os seus tempos de 10,4 s. nos cem e 21,3 s. nos duzentos metros são os melhores feitos esta época por um europeu; e se os repetisse em Londres, seria um perigo para os americanos...

Dos continentais, nenhum fez melhor que 22 s. e o campeão da França, Lebas, juntamente com o holandês Lammers, empatam com aquele tempo, seguidos do outro holandês, do nosso Nuno Morais e do belga Bansiand.

<Sprinters> que fizeram menos de 23 segundos

Patton, (U. S. A.), 21,1 s.; Ewell, (U. S. A.), 21,1 s.; Lebeach, (Panamá) 21,2 s.; Mc Kenley (Jamaica), 21,3 s.; Bansiand, (U. S. A.), 21,3 s.; Treloar, (Austria), 21,5 s.; Loing, (Jamaica) 21,6 s.; Corquodale, (G. B.), 21,8 s.; A. Ven Heerden, (A. S.), 21,8 s.; Fortan Chacon, (Cub.), 21,9 s.; Pereira da Silva, (Bra. II) 22 s.; Lebas, (França), 22 s.; Pettie, (Canadá), 22 s.; Lammers (Holanda), 22 s.; Valle, (G. B.) 22,1 s.; Lopez Testa, (Uruguai), 22,1 s.; Shore, (A. S.), 22,1 s.; Bona, (Argentina), 22,2 s.; Costa Ramos, (Brasil), 22,2 s.; Heggis, (Canadá), 22,2 s.; Claasen, (Islandia), 22,2 s.; Garella Delgado, (Cuba), 22,2 s.; Fairgrieve, (G. B.) 22,2 s.; Z-noni, (Brasil), 22,2 s.; Sholten, (Holanda), 22,2 s.; Mc Kenzie, (Jamaica), 22,4 s.; F-nando, (Perú), 22,5 s.; Morais, (Portugal), 22,6 s.; Bait, (Paquistão) 22,6 s. e B. argaux (Bélgica), 22,9 s.

Se Morais tem repetido as provas que fez contra os franceses do "Paço" e na estafeta dos regionais, seria 15.º juntamente com Valle e Testa; e vamos mais longe; ainda se dissermos que se treinasse com método e levasse vida própria dum atleta, Nuno de Morais poderia ser a esta hora o melhor corredor de 200 metros da Europa, visto que o tempo de 21,7 s. está ao seu alcance com mais facilidade que 10,5 s. nos cem metros.

Jorge Monteiro

João Jacinto

ARCADIA O DANCING N.º 1

— DA CAPITAL —

Apresenta HOJE, em ESTREIA, o MAGO DO VIOLINO
ROMAN JACOWLEW e a sua famosa orquestra zingara

EM PLENO TRIUNFO **Lolita Torres y Pepe Ballesteros**

As insinuantes e escultoras **LES DEUX PARISIENNES**

Carmelita de Córdoba, Herm-nones Rodriguez, Mary-Mely, Lita-Anlle, Nancha de Aragon, e Mabel Valência

5.º feira, 7: Estrela da extraordinária atracção **Trio Alonso**

6.º feira, 8: Estrela da bailarina clássica **MARILINIS DE LAGUNAR**

UM branco trianfo numa prova de velocidade, vencendo todos os negros, sendo três deles os mais cotados depois das eliminatórias; mas esse branco, o americano Hiel Patton, num assomo de energia, depois do fracasso nos 100 metros, consegue vencer pela diferença mínima o teimoso Ewell que, assim, se viu novamente batido, embora por um "peito", mas agora nos 200 metros. O seu vencedor era branco, e Ewell já não sentia vontade de dançar o "boogie woogie".

Sarpreendeu-nos a vitória de Patton, visto que Mc Kenley, com excelente regularidade, e Lebeach por ser o novo recordista mundial, havia apenas escassas semanas, davam-nos a quase certeza de que o primeiro lugar se decidiria entre ambos mas com boa resistência dos outros dois americanos, principalmente Bansiand, que tanto nos meias-finais em que venceu Lebeach, como nos quartos de final, se tinha creditado sério candidato.

Alinal, a bela e gloriosa incerteza do desporto, sempre presente em provas olímpicas, decidia que tudo se passasse de modo diferente e adverso para a raça negra, que há tantos anos não perdia um título em 200 metros.

Patton, que pouco antes, na América, vencera Ewell, com 20,7 s., mostrou assim que a sua classificação na final dos 100 metros tinha sido um acidente, e se não fez agora em Londres tempo

HOQUEI EM PATINS

10 vitórias e a marca de 64-10

são os números com que o Paço de Arcos encerrou o campeonato de Portugal — ganho brilhantemente pela quinta vez seguida

MAIS uma vez (pela quinta consecutiva) o campeonato de Portugal veio a pertencer ao Paço de Arcos — novamente (pela terceira) seguido do Hóquei de Sintra. E o «treinado» permanece propriedade do Sal... São, por conseguinte, campeões nacionais de hóquei em patins.

1939 — Sporting
 1940 — Futebol Benfica
 1941 — Futebol Benfica
 1942 — Paço de Arcos
 1943 — Futebol Benfica
 1944 — Paço de Arcos
 1945 — Paço de Arcos
 1946 — Paço de Arcos
 1947 — Paço de Arcos
 1948 — Paço de Arcos

A prova deste ano, com seis clubes, foi a mais brilhante. Marcou-se o maior número de golos de sempre (209) e o vencedor ganhou o título só com vitórias (10) pertencendo-lhe ainda a melhor marcação da história do torneio (64-10). Mas o Hóquei de Sintra, única equipa, depois dos campeões, com margem de golos favorável (54-25) e apenas duas derrotas — ambas do Paço de Arcos — também teve acção de muito mérito. Em seguida figurou o campeão do Porto (ex-

-aqueo com o estrepente de Lisboa) — os dois contando 4 vitórias, 1 empate e 3 derrotas, o Infante de Sagres com 31-34 e o Sporting de Oeiras com 24-40. Em penúltimo lugar ficou o Académico: 2 vitórias, 2 empates, 6 derrotas e 27-37. A fechar a classificação: o Estrela e Vigorosa — só derrotas e 9-63.

Correia dos Santos cotou-se como o marcador de golos n.º 1 — com 31 na totalidade, tendo obtido tentos em todos os dez jogos, imediatamente seguido por Velez (Sintra) — com 23. Depois e com mais de 10: Pires (Sintra), 16; Jesus Correia (P. A.), 15; Joaquim Miguel (Oeiras), 14; Joaquim Polónia (Infante), 13; António Ribeiro (Académico), 12; João Trindade (P. A.), 11. Uma referência especial para Raul Lima (Vigorosa) — autor de oito dos nove pontos da sua tarma.

Quanto a números dos campeões: contra Sintra, 6-1 e 7-1; Infante, 4-1 e 5-2; Oeiras, 6-0 e 10-0; Académico, 3-0 e 9-3; Vigorosa, 7-0 e 3-0. Mas o recorde (13-1) é do Sintra ao Vigorosa, no Porto, em noite de inspiração. Que, diga-se entre parêntesis, a jornada dos grupos do Sal ao Norte, com uma derrota do Oeiras diante do Infante, não foi mesmo assim de molde a deixar créditos por mãos alheias:

46 golos marcados e metade precisamente, consentidos em nove partidas — dizem com clareza da supremacia dos visitantes.

A ordem da classificação parece-nos estar bem. Os grupos do Porto (afora o Infante de Sagres — mais duro e também mais jogado) são em regra de valor sensível igual às equipas de segundo plano do Sal — mesmo actuando em casa e com público seu. Os resultados, de resto, «falam» por si — e dispensam quaisquer comentários. Em suma: o campeonato de Portugal, excelente prova de propaganda pelas suas características, culmina este ano em beleza. Porque bonita é, na realidade, a magnífica proeza do Paço de Arcos. E, perante tal facto visto, todo o mais se dilui e perde cor... De resto, os satélites de um astro, só raramente logram ofuscar o brilho da estrela-base. O Paço de Arcos adapta-se perfeitamente à imagem neste caso.



Ninguém o diria! No entanto, o «caso» deu-se: Braga, 1-Porto, 0... O leitor perceberá, por estas fotos, que os bracarenses estão à defesa. Claro: — Também se ganham jogos assim...

O Sporting de Braga

provoca a primeira surpresa...



HÁ DIFICULDADE EM JOGAR NO PAVILHÃO DOS DESPORTOS

Declara-nos o sr. Manuel Raúl dos Santos, Presidente da Federação de Basquetebol

Anova direcção da Federação de Basquetebol é presidida por uma pessoa que muito tem trabalhado pela modalidade, no nosso país: referimo-nos ao sr. Manuel Raul dos Santos, desportista distintíssimo que, por várias vezes, desempenhou lugares de relevo, no Ateneu Comercial, nas Associações de Basquetebol de Lisboa e do Porto e até na própria Federação.

Embora afastado durante algum tempo dos cargos de direcção, o sr. Raul dos Santos não hesitou um momento, quando, depois de uma grave crise no organismo federativo, os seus serviços foram julgados indispensáveis.

Há tempo, em amena conversa de amigos, trocámos algumas impressões com o sr. Manuel Raul dos Santos sobre o estado actual da modalidade e sobre as imensas dificuldades que é necessário demover para que o basquetebol dê aquele passo em frente que todos ambicionam...

O sr. Raul dos Santos tem ideias assentes e, por isso, o habitual questionário está feito por natureza... Basta registar as palavras ponderadas do nosso interlocutor:

— A situação da Federação não é afiliva, mas causa-me certas apreensões. Repare: diminuiu o número de Associações e, como é natural, o número de praticantes oficialmente registados; por outro lado, deu-se, nomeadamente em Lisboa, um abastamento do nível técnico da equipa, o que provocou o desinteresse do público pela modalidade. A juntar a estes dois grandes males, temos, ainda, a apavorante carência de árbi-

tros e a falta de uma regulamentação adequada às actuais necessidades do basquetebol.

«Como vê, o panorama não é muito sedutor...»

— A direcção da sua presidência vai procurar remediar esses inconvenientes?

— Compreendo que a nossa situação é ingrata, visto que terminamos o mandato em 31 de Dezembro deste ano. No entanto, e pelo menos na parte referente a legislação, vamos procurar melhorar o que existe, quanto à orgânica dos Campeonatos Nacionais.

«Faremos, também, o possível por conseguir que o Conselho Técnico sejam fornecidos os elementos necessários para a actualização das regras do jogo, podendo já revelar-lhe que, para solução deste importante caso estamos em contacto com a F. I. B. A.»

«Eu sei que este meu desejo não tem fácil solução. Não posso, por isso, dizer-lhe se se manterá ou não o actual plano das provas federativas. De uma coisa pode, porém, estar certo: é que a direcção vai fazer o possível por dar aos campeonatos oficiais uma feição nova, não sendo estranho, até, que já esta época se dispute um torneio inter-regiões...»

Registamos com agrado esta revelação, pois um torneio com tais características pode contribuir imenso para a propagação do basquetebol. Assim, essa iniciativa seja compreendida...

Continuamos, porém, a apreciar as sensatas afirmações do sr. Raul dos Santos:

— As Relações da Federação como



O nosso camarada Monteiro Poças conversa com o presidente da F. P. B. B.

as diversas Associações são boas, não havendo motivo para pensar que elas se modifiquem para pior. E' isto, que é um bom índice de trabalho, dá-nos uma certa tranquilidade e confiança para encararmos o futuro ao mesmo tempo que nos garante o êxito dessa iniciativa, caso ela vá por diante.

— Como tencionam resolver o caso da falta de campos cobertos, em Lisboa?

— Lamento dizer-lhe que considero o assunto de resolução quase improvável, porque a utilização do único recinto em condições — o Pavilhão de Desportos — acarreta encargos incomportáveis para as nossas possibilidades.

E, veja este exemplo, que é flagrantemente: o óqui em patios, tão popular entre nós, não fez lá, este ano o campeonato nacional, supunho que por não poderem suportar as despesas de organização.

Ora — interroga-nos o sr. Raúl dos Santos — o que poderá fazer o basquetebol que tem incomparavelmente menos público?

— Apesar de tudo, a A. B. L. e a Federação pensam realizar no Pavilhão os principais jogos dos seus

calendários. De resto, para a maioria dos encontros só contaremos com os campos dos clubes.

A entrevista poderia terminar com uma pergunta sobre o estado actual das nossas relações com a vizinha Espanha...

Obtivemos uma resposta concreta:

— A Federação Espanhola já incluiu no seu calendário o tradicional encontro peninsular e isso diz-nos a certeza de que, em 1949, a nossa equipa atravessará a fronteira para disputar o IV Portugal-Espanha.

Quanto ao «Torneio Ibérico», esperamos que os espanhóis confirmem uma carta de Julho, na qual fixam a realização da prova para o próximo mês de Dezembro.

E o sr. Manuel Raúl dos Santos terminou desta forma as suas interessantes declarações:

— Como vê, as nossas intenções, não podem ser melhores. Resta-me pedir a colaboração de todos — Associações, clubes, jogadores, imprensa e simples adeptos — para que o nosso basquetebol alcance o merecido prestígio.

Monteiro Poças

JOAQUIM APOLO

Venceu as 5 voltas a MAFRA

Os 170 quilómetros das Cinco Voltas a Mafra, percorridos no domingo por cerca de 40 dos nossos melhores ciclistas, despertou, como seria lógico supor-se, um justificado interesse.

A reorganização da importante prova merece elogios, porquanto se trata de uma daquelas que sempre despertaram entusiasmo, quer entre os próprios ciclistas, quer no público adepto da popular modalidade desportiva.

Antes de darmos ao leitor uma rápida ídela do que foi a luta para a posse do 1.º posto da classificação, não queremos deixar de fazer um reparo ao facto de não terem sido permitidos carros de apolo, por se tratar de um circuito fechado. Ora, a nosso ver, há circuitos e circuitos... Este, devido à sua extensão poderia bem comportar os tais carros que, com a sua presença na longa caminhada, teriam talvez evitado uma parte das deslências verificadas no decorrer da competição, evitando-se também que, durante mais de cinco horas, os corredores pedalassem sem qualquer apolo, p. r. vezes tão útil e sempre tão necessário.

Alinharam à partida quase todos os nossos «ases» e dizemos quase todos, porque se notou a ausência de José Martins, ainda no estrangeiro; de João Rebelo, cuja situação dentro do clube ainda não está definida e de Fernando Moreira que não compareceu à chamada.

Império dos Santos ganhou a 1.ª volta; João Lourenço, que chegara a ter cerca de dois minutos sobre o pelotão, venceu a 2.ª e a 3.ª; Maximiano Rola a 4.ª e Joaquim Apolo a última, conquistando uma brilhante vitória.

O pelotão que o viu fugir na última fase da corrida não reagiu na altura própria e quando o tentou já era tarde.

O corredor do Louletano venceu as Cinco Voltas a Mafra e batera o anterior recorde, agora fixado em 5 h. 0 m. 37 s.

(Continua na página 10)



Em cima: Joaquim Apolo — vencedor. Em baixo: João Lourenço chegando ao posto de abastecimento, com 1,º 45" de avanço

ACADÉMICO-VILA REAL

LEIXÕES-FAMALICÃO



Estes dois desafios, no Lima e em Matosinhos, agradaram ao público. À esquerda — defesa do guarda-redes academista; à direita — ataque do Leixões, que o guarda-redes transmontano interrompe

UNIÃO DE COIMBRA — GINÁSIO DE ALCOBAÇA



Uma fase do jogo disputado em Coimbra, defesa a soco do guarda-redes unionista

CAMPEONATOS NACIONAIS DA F. N. A. T.

Nas Salésias disputaram-se os Campeonatos Nacionais Corporativos — mais uma jornada magnífica de propaganda magnífica da cultura física entre as classes trabalhadoras levada a efeito pela F. N. A. T.

Duzentos e trinta e seis atletas representando os distritos de Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Leiria e Setúbal, animaram as várias provas — 12 modalidades; 80 metros, 300 metros, 1.000 metros e 3 mil metros, lançamento de Disco, do Dardo e do Peso, saltos em altura e comprimento e as estafetas 4x80, 4x100 e 4x300 metros.

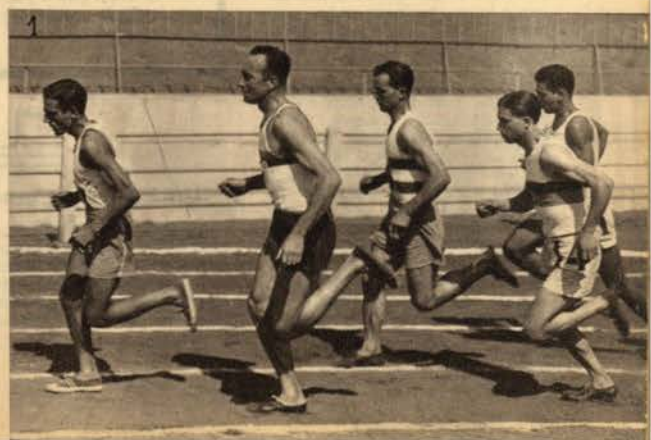
E, porque alguns Centros têm alguns dos nossos melhores atletas, as lutas travadas foram sempre entusiasmáticas, até porque, os que praticam só o desporto corporativo, se

empenharam com assinalado brio na disputa das suas provas ao lado dos consagrados, alguns vezes levando a melhor.

1 — Uma fase da corrida dos mil metros, vendo-se Francisco Bastos pelo Banco Lisboa Açores, João Silva, pelos Corcelos e Telégrafos, Armindo Pereira e José Felício da C. U. F. do Barreiro e Aparício Pereira, da Casa do Povo de Bracelinhos, Braga, e que terminou por uma boa vitória de Francisco Bastos, seguido de perto por João Silva

2 — No lançamento do peso, Carlos Ferreira, do Banco Lisboa Açores, foi o vencedor na 1.ª categoria

3 — José Picoito, da C. U. F. do Barreiro, transpondo 1,65 m. vencendo assim um favorito: João Vieira



A VIDA DESPORTIVA FORA ESSE MUNDO

BOXE

O combate Oma-Woodcock

Ao mesmo tempo que em Jersey-City, se jogava o desafio do campeonato do Mundo de «médios», disputava-se em Londres o desafio entre dois pesos pesados: Bruce Woodcock e Lee Oma.

O primeiro é campeão da Europa e foi massacrado há um ano pelo americano Joe Baki; o segundo, já em absoluta decadência, teve o seu período de glória em 1946.

O público esperava assistir ao ressurgimento do seu preferido mas sofreu um choque tremendo, pois Woodcock manifestou a sua incapacidade completa, embora saísse vencedor por K-O ao 4.º assalto. Oma contentou-se em esquivar todas as tentativas até que pôs o queixo à disposição da direita de Bruce e tombou na lona fingindo a derrota.

O público protestou energicamente contra o logro e na imprensa ainda se leem os seus violentos desabafos.

Boa vitória de Jean Stock

O pugilista francês Jean Stock, na mesma sessão, combateu com o britânico Randolph Turpin e derrotou-o por fora de combate técnico ao 5.º assalto, depois de o atingir quatro vezes à lona.

Stock pensa agora em desfejar Robert Villemain para o campeonato da Europa de semi-médios.

Zele gostaria da desforra

O antigo campeão de boxe Tony Zele declarou aos jornalistas que lhe apetece disputar a desforra com Marcel Cerdan mas os seus dois «managers», Sam Pian e Art Winch, julgam preferível aguardar dois meses antes de darem a sua opinião.

Segundo eles, Zele revelou-se em franca decadência e nada justifica um novo desafio.

A propósito, corre o boato de que entre Marcel Cerdan e Lucien Roupp, seu manager, se levantaram divergências sérias por motivo dos projectos futuros que um e outro alimentam.

Cerdan na brecha

Ray «Sugar» Robinson, o formidável pugilista negro, detentor do título dos «semi-médios», lançou um repla a Marcel Cerdan para o título de «médios». O desafio seria, na verdade, sensacional, pois Robinson passa por ser o melhor pugilista da actualidade independentemente da sua categoria de peso.

Os organizadores milionários ofereceram 45 milhões de francos a Cerdan para um combate em Junho.

praticar jogo rasteiro quando o terreno, alegadíssimo, aconselha o contrário. Em frente das belizas foram pouco realizadores abusando dos passes laterais e perdendo assim excelentes oportunidades.

ATLETISMO

Uma proeza de Reiff

O esforçado corredor belga Gaston Reiff, que nós vimos actuar em Lisboa, por ocasião do desafio Portugal-Bélgica, bateu em Bruxelas o recorde mundial dos 2 quilómetros, registando o tempo notável de 5 minutos e 7 segundos.

O antigo proprietário era o bombeiro Gundar Heegg (Suécia) com mais 5,7 segundos.

Este resultado sensacional confirma a classe extraordinária de Reiff, assim como as suas possibilidades de bater todos os recordes desde os 1.500 metros até aos dez quilómetros.

72,34 no dardo

Em Helsínquia (Finlândia) o atleta Teslod arrojou o dardo a 72,34 que é o melhor resultado conseguido durante o ano.

Em Belgrado, Mihailitch bateu o recorde da Sudeslavia dos 10 quilómetros (31 m. 35,8 s.) e Sabolovich o dos 400 metros (48,8 s.)

O sulço Sandmeier imitou o gesto de Mihailitch correndo a mesma distância em 31 m. 35 s. (novo recorde helvético).

O norueguês Rhode conseguiu atingir o peso a 15,14.

Em Eskilstuna (Suécia) efectuaram-se alguns campeonatos cujos resultados principais foram os seguintes: maritlo, Nemeth (Hungria) com 53,10; 1.500 m. Eriksson em 3 m. 55,8 s.; altura, Mattson com 1,93; peso, Arvidsson com 15,85.

TENIS

Um novo astro da raquete

Acaba de se revelar como um notável jogador de tênis e triunfou na final de «singulares» do Campeonato dos Estados Unidos, o jovem californiano Ricardo «Panchito» Gonzales, cuja ascensão ao firmamento tenístico não tem paralelo com qualquer outro, nem mesmo com a de Donald Budge ou Jack Kramer.

Gonzales joga descontraído e manifesta grande agilidade de movimentos, bem como uma elegria comunicativa permanente. Neste campeonato americano derrotou todos os consagrados, tais como o checo Drobny e Frank Parker, e abateu no desafio final o sul-africano Eric Surtgess, por 6/2, 6/3, 14/12, conquistando o título de campeão dos Estados Unidos.

Em 17 minutos ganhou a primeira partida mas a segunda levou 25. A terceira e última durou até ao anoitecer.

NOTA DA SEMANA

A semana passada foi uma semana de luto para o desporto do boxe. Dois desastres fatais, separados por escassas horas de intervalo, o primeiro ocorrido em Chicago, vitimando o campeão dominicano Kid Dinamita e o outro em Roma, atingindo o veterano Gino Verdinelli, vieram acrescentar o extenso e calamitoso sudário que veste de crepes a mais perigosa e violenta modalidade desportiva actual.

A frequência destes acidentes irremediáveis constituiu a mais certa acusação, lançada contra um jogo semi-barbaro que, no entender de muita gente, devia ser radicalmente banido da assembleia das modalidades e passeatempos desportivos.

Reconhecendo, muito embora, a tragédia implacável que tantas e sucessivas mortes, provocadas pela violência dos combates de boxe, tem ocasionado nos últimos anos e, ainda mais, a tendência progressiva de tais insucessos (que levam a um plano de urgência, o estudo cabal da situação criada) defendemos o jogo do soco contra os juízos alarmados dos seus irconciliáveis inimigos de sempre.

Não é este lugar próprio para apresentar a tese, embora o fosse o momento que passa, mas é oportuno parar os ataques desenhados na sombra, alguns sob o impulso de interesses mesquinhos e pessoais.

O que o boxe necessita, acima de tudo, é estar entregue a pessoas competentes e dedicadas, principiando no vértice do organismo dirigente e concluindo nas funções mais modestas. Podíamos demonstrar por A+B, que a morte de Gino Verdinelli foi acima de tudo consequência indirecta da cristalização dos nossos regulamentos e métodos de trabalho.

Assim como nas grandes batalhas perdidas o responsável é o chefe que comanda, dirige e concebe as operações, no desporto, quem responde será aquele que ocupa na modalidade o primeiro lugar.

O combate Verdinelli-Villemain nunca devia ter durado os dez assaltos previstos. Foi um massacre inglória, inútil e penoso, que de desportivo não teve a menor parcela. Assistiram a esse triste desenrolar, com a ingénua desfaçatez da ignorância, muitas pessoas que podia ter sustado o prólogo daquela tragédia, mas não tiveram a percepção dos acontecimentos.

De há muito que virámos as costas às pomposas mesquinhas políticas do pugilismo nacional.

Só um desastre tão cruel como o de Verdinelli podia impor-nos este desabafo, agora, não para responsabilizar (é inútil fazê-lo...) mas para exclamar: reformem os vossos regulamentos, de modo que sejam evitados novos desastres; entreguem a direcção dos combates, não apenas aos árbitros, mas ao médico e ao oficial de ringue, dando-lhes poderes para intervir quando isso seja aconselhável; aumentem o volume das luvas, usando oito onças em vez de seis, e dez em lugar de oito; não autorizem combates desiguais, entre pugilistas de méritos desproporcionados, etc., etc.

Numa frase curta: regulamentem a prática do boxe, de acordo com as exigências que a segurança pessoal dos praticantes impõe. Por outras palavras: tornem-no mais humano, menos cruel. Vigiem-no melhor, sendo rigorosos nas medidas de segurança que adoptarem.

E' disto que o pugilismo necessita. Cá, e noutras localidades do Globo, onde a legislação é omissa e imperfeita ou se encontra obsoleta.

Rafael Barradas

FUTEBOL

Uma derrota moral

Assim se pode qualificar o resultado do desafio que a selecção profissional britânica, composta dos onze melhores elementos que possui, alcançou em Copenhague em face de selecção da Noruega. No

fim dos noventa minutos regulamentares, durante os quais o trabalho do célebre Tommy Lawton foi um verdadeiro desastre, as duas equipas saíram do terreno sem conseguir furar as redes do adversário.

Apesar da sua incontestável classe os britânicos teimaram em

Curiosidades...

Fernando Moreira o valeroso ciclista portuense, resolveu descansar. Encontra-se presentemente em Vídago.

♦ Julga-se que o jogador Gastão não volte ao futebol.

♦ Também se encontra numa casa de saúde o jogador Boavista. Melhora a olhos vistos, porém.

♦ Foi operado outro jogador, há semanas: — Freitas. Deve reaparecer brevemente.

♦ O Vasco da Gama já se prepara cuidadosamente para a nova época de basquetebol.

♦ O Boavista tem atravessado grave crise. Interessado na sua solução, aparece-nos o F. C. do Porto.

♦ Já se encontra nesta cidade o novo jogador para o F. C. Porto — o argentino Fandiño. Chegou de avião a Lisboa no último domingo, seguindo logo para o Norte.

♦ Lourenço foi cedido pelo Porto em magníficas condições: 12.500\$00 pagos em três vezes.

♦ O Porto não o cedeu antes porque esperava que fossem deferidos alguns pedidos seus e enquanto não sabia os reforços com que podia contar.

♦ No caso de Vital jogar, a linha dianteira do F. C. do Porto será: Vital, Araujo, Silva, Fandiño e Vieira.

♦ É possível que Francisco venha a ser utilizado a terceiro defesa, em substituição de Carvalho. Porém, se Alfredo for castigado...

♦ Armando deverá reaparecer contra o Atlético; e o mesmo acontecerá a Serafim.

♦ Integrado Lourenço no ataque do Boavista a equipa deverá jogar: Lourenço, Alcino, Armando, Caiado e Lusía.

♦ O campeonato regional de basquetebol principiará a 17 de Outubro.

♦ No torneio inter-freguesias do Vasco da Gama estão inscritos 150 concorrentes! A iniciativa aguarda apenas deferimento da Federação de Box.

♦ Tudo indica que o jogador do Académico, Pacheco, não voltará a jogar esta época por desavenças registadas entre o jogador e a direcção do seu clube.

na capital do NORTE

Não se pensa noutros jogos?

Em tempos idos, no campeonato regional, entravam 4 categorias. Depois, passou-se para 3; mais tarde, para duas. E agora, como se sabe, disputam-se apenas o campeonato nacional. Pararam as categorias inferiores.

Mas estes fazem falta. Os quadros de honra precisam de mais de 11 jogadores, já se vê; e os reservas só estarão aptos a compor nos desfechos melhores se estiverem suficientemente treinados.

Logo, porque se não promovem desfechos de categorias inferiores? Porque não um torneio, promovido por quem de direito, pela Associação, talvez, a fim de manter os amadores do jogo em contacto com o público?

Assim é que não poderá ser. Em Lisboa já se disputa um torneio. No Porto — absolutamente nada. É uma lembrança como outra qualquer — que oxalá possa chamar a atenção dos clubes e da Associação para este caso enorme e aborrecido.

O público também se vê prejudicado. Assistir a um só jogo por caro preço, é um pouco forte. Além de tudo isto — todos gostam de conhecer os novos do futebol, muitos deles agrupados nas categorias inferiores. Tudo concorre para valorizar o jogo. Pensem, por isso, nas categorias inferiores!

MOSAICOS nortenhos...

O F. C. DO PORTO CEDEU AO BOAVISTA UM BOM JOGADOR

E não se fez barulho algum! O F. C. do Porto cedeu ao Boavista F. C. o seu jogador Lourenço, extremo direito, e a notícia não surpreendeu a ninguém, nem mesmo aos adeptos do F. C. do Porto.

Todavia, Lourenço é um bom jogador, tendo-se até internacionalizado em Bordeus. Ao contrário do que tem sucedido com outros, o público acolheu a notícia com a maior naturalidade, até simpatia, envolvendo o clube campeão.

ASSIM MESMO...

NOTICIOU-SE que Alejandro Scopelli, actual treinador do F. C. do Porto, lançara as suas vistas para os rapaziños novos, chamando-os a treino ao campo da Constituição. Logo apareceram, no velho terreno, quatro centenas!

Pois muito bem. É digno de todos os aplausos o pensamento de Scopelli. Há muito tempo que chamamos a atenção dos dirigentes portuenses para o caso, pois dos infantis do F. C. do Porto saíram jogadores da melhor categoria, como todos sabem, e não era justo que isso fosse lamentavelmente esquecido. A decisão de Alejandro Scopelli tem merecido os mais rasgados elogios, aplaudindo-o em todos os sectores aqueles que desejam assistir ao progresso do futebol portuense.

O trabalho será, por certo, muito difícil. Scopelli precisa com certeza de quem o ajude, pelo menos enquanto a máquina não estiver a funcionar. Ao campo da Constituição afluiram centenas de praticantes, e ver-se-á dentro de pouco tempo o resultado do seu magnífico esforço. Dos infantis s'illa-se para os juniores. E daqui, para os seniores...

Bem precisava o F. C. do Porto de se envolver numa iniciativa deste quilate. Ve-se que se entrou no melhor e mais justo caminho, graças ao modo compreensivo como o seu actual treinador atacou o problema. Pois muitos parabéns. O público do Porto saberá reconhecer, naturalmente, todo o bom esforço de quantos trabalham dedicadamente.

E se amanhã se descobrirem pelo menos dois futuros jogadores, já o tempo deverá ser dado como bem gasto. Aquelles que viram jogar Acácio, Valdemar, Carlos Nunes, Carlos Mesquita, Pedro Temudo, Jerónimo, Lopes Martins, Lopes Carneiro e tantos mais, rejubilam, contentíssimos. Vão reviver um passado glorioso, dentro de pouco tempo. E o velho campo da Constituição, assistindo a um jogo entre os miúdos, sentir-se-á mais novo. Bela iniciativa esta, sem dívida alguma!

Péssima arbitragem e mau jogo do Porto

O ditmo desfecho entre o F. C. do Porto e o Sporting de Braga, foi indesejável. Não o dizemos por ter sido derrotado o primeiro clube portuense, mas sim pela maneira como alguns jogadores se comportaram no terreno. Para isso contribuiu uma arbitragem anormal, em tudo parecida com o jogo subterrâneo que se aprecia.

Assim, acabará o público por se afastar, impressionado com acidentes desta natureza. Aquilo que se viu no Campo da Constituição não pode repetir-se, sob pena de vermos o futebol trans-

portado para um plano de inferioridade moral.

Sobre o mau jogo do F. C. do Porto, nem vale a pena falar. Os portuenses chegaram a fazer acreditar que possuíam equipa superior à do ano lido. Mas nós sabemos. E em fortes razões para isso. Quanto à arbitragem de Augusto Pacheco, achamo-la tão incensata e inferior, que nem nos quedamos na sua antipatia. Para o público do Porto, o árbitro de Aveiro ficou definitivamente julgado. Lamentamo-lo — mas a culpa foi inteiramente sua!

O treinador Scopelli precisa de um bom ajudante

Terá de ser assim...

Como noutro lugar dissemos, Alejandro Scopelli resolveu criar dentro do F. C. P. grupos infantis. Ora, Scopelli tem o seu tempo razoavelmente tomado. Lembra-nos, por isso, que talvez Artur de Sousa, e infindável «Pinga», fosse um bom ajudante de Scopelli na preparação dos garotos, tal como era Quaresma no Belenenses.

Artur de Sousa em volta dos garotos, sob as vistas de Scopelli, seria interessantíssimo e notável. E o «Pinga», a despeito das suas funções em Santo Tirso, não se recusaria naturalmente a isso.

Claro que isto não passa de inofensiva lembrança. Scopelli e a direcção do popular clube nortenho sabem muito bem o que desejam e devem fazer nesta emergência...



Cerca de 700 rapazes — gente nova que foi à pista do Estádio José Alvalade dar o «Primeiro Passo» numa modalidade que é a base de todo o desporto — animaram toda a manhã de domingo aquele campo de desporto, valorizando com a sua espontânea presença uma iniciativa magnífica do Sporting e do nosso prezado colega «Mundo Desportivo».

Rapazes dos bairros populares de Lisboa e de terras próximas da capital, envergaram com vaidade justificada o seu traje de desporto. Entre si avaliaram as suas possibilidades, viram aquilo de que são capazes — eles que têm seguido interessados, para lá da vedação da pista, as provas dos seus atletas preferidos.

TORNEIOS DA A. F. L.



Dois desafios do «torneio especial» da A. F. L. despertavam interesse: o Sporting-Oriental, com uma fase à direita, e o Atlético-Benfica, com outra fase à esquerda. As «reservas» têm o seu público

CASA PIA-LUSO

Para o Nacional da 2.ª Divisão jogaram o Luso do Barreiro e o Casa Pia Campo do primeiro, onde se lutou com denodo, como se vê nas duas fases

NAVAL-LEÕES DE SANTARÉM NA FIGUEIRA DA FOZ



A equipa dos «Leões» de Santarém — bom concorrente ao campeonato, empatou com o Naval da Figueira, outro grupo de excelente categoria. Apresentamos os dois grupos: a Naval à esquerda, e os «Leões» à direita. E ao meio, uma fase do jogo realizado domingo na Figueira da Foz